

A FILOSOFIA E A TAREFA DA INTERPRETAÇÃO: A HERMENÊUTICA EM LUDWIG FEUERBACH

André Luís Bonfim Sousa¹

Resumo: Temos como objetivo no presente trabalho evidenciar que as intuições apresentadas na carta pública de 1839, *A Karl Riedel*: para uma retificação de seu esboço, são imprescindíveis para a compreensão da fundamentação do método feuerbachiano em obras tais como: *A Essência do Cristianismo*, *A Essência da Religião* e *Princípios da Filosofia do Futuro*, por exemplo. Trata-se, portanto, de duas pretensões básicas: 1ª) indicar os caminhos das intuições levantadas na carta no tocante à fundamentação do método feuerbachiano; 2ª) compreender o modo como Feuerbach trata a tradição filosófica e religiosa, ou seja, como ele apresenta, embora de maneira ainda germinal, a sua hermenêutica.

Palavras-chave: Filosofia da religião. Método. Hermenêutica. Historiografia. Transcrição.

Abstract: The purpose of this work is to evidence that intuitions presented on 1839's public letter, *To Karl Riedel*, are fundamental to comprehend the feuerbachian's methods foundations in works like: *The Essence of Christianity*, *The Essence of Religion* and *Principles of Philosophy of Future*, for example. There are two basic pretensions: 1ª) to evidence the intuition's ways presented on the letter about feuerbachian's methods foundations; 2ª) to comprehend the way how Feuerbach treat the philosophic and religious tradition, by the way, how he presents, although in a germinal form, your hermeneutics.

Key-words: Philosophy of religion. Methods. Hermeneutics. Historiography. Transcreation.

¹ Doutor em Filosofia pela PUCRS. Professor da UEVA – Universidade Estadual do Vale do Acaraú e da FANOR DeVry. E-mail: em_fim@hotmail.com

A primeira pergunta que nos cabe elaborar no presente trabalho é a seguinte: quem é, afinal, Ludwig Feuerbach? Com Wartofsky podemos nos questionar: “por que devemos levar Feuerbach a sério?”² Ora, mas que significa levar um autor a sério? Interpreta-lo de um ponto de vista imanente? Retificar pontos problemáticos? Clarificar obscuridades? Transformar as questões problematizadas concedendo-lhes um certificado de novas questões e, nesse sentido, apropriar-se delas?

De antemão, podemos afirmar que a questão não se propõe encerrada em liames biográficos³. Em 1839, Karl Riedel (editor da *Jarhbuch der Literatur*) delinea um esboço que pode, de alguma maneira, nos auxiliar nessa árdua questão. Não que possamos afirmar que Riedel esteja correto, mas porque exige de Feuerbach uma retificação. Mais do que isso, Riedel obriga a Feuerbach nos proporcionar a fortuita compreensão do lugar *de onde fala* o filósofo, indicando aspectos de ordem hermenêutica e metodológica das grandes linhas de seu pensamento e, portanto, responder porque, afinal, devemos “levá-lo a sério”.

Tal compreensão é central para a tese defendida no presente trabalho, de que a filosofia feuerbachiana, no decorrer de suas obras, torna-se uma hermenêutica radical. As três vias de interpretação que são abordadas logo no segundo tópico do presente trabalho indicam os caminhos para tanto. É justamente diante de tais aspectos que se pode afirmar um panorama norteador para compreender tais grandes linhas de pensamento, tão marcadas pela assistemática. Nesse sentido, podemos compreender outro aspecto interessante do pensamento feuerbachiano: assistemática significa necessariamente ausência de coerência?⁴

² WARTOFSKY, M. W. *Feuerbach*. New York: Press University of Cambridge, 1982, p. 1.

³ Acerca de aspectos básicos da biografia do autor se pode afirmar que Ludwig Andreas Feuerbach nasceu em Landshut no dia 28 de julho de 1804. Sua trajetória de estudos é marcada pela Teologia, que estudou em 1823 na Universidade de Heidelberg com teólogo hegeliano Karl Daub. Nos anos seguintes (1824-1826) assiste às aulas de Hegel e fica tão fascinado com o filósofo que o considera um “segundo pai”. A teologia o conduz para a Filosofia. Abandona os estudos de Teologia e passa a se dedicar apenas à Filosofia, conseguindo o título de doutor em Filosofia no ano de 1828. O título (e conteúdo) da tese, mostrando clara influência hegeliana, é *Da razão una, universal, infinita*. Envia sua tese a Hegel com uma carta em anexo, na qual demonstra, ao mesmo tempo, devoção e intuições críticas ao seu mestre, ou ao seu “segundo pai”. Ao que se sabe, Hegel nunca respondeu à tal carta (o que não deixa de soar minimamente curioso). Nos anos posteriores, mais precisamente de 1829 a 1832, ministra aulas na Universidade de Erlangen, mas a publicação (anônima) da obra *Pensamentos sobre a morte e a imortalidade* (obra na qual Feuerbach nega a existência da imortalidade da alma) condena-o (sua autoria foi descoberta e a obra confiscada policialmente) a um ostracismo intelectual que perdurou (ou perdura?) anos. Tentou inúmeras vezes voltar a lecionar. Em 1837 se casa com Berta Löw, co-proprietária de uma fábrica de porcelanas.

⁴ Afirma Arthur Morão na Advertência do tradutor, na introdução de suas traduções para as Edições 70: “Sem sistema coerente, Feuerbach é apesar de tudo um intérprete excepcional”.

A carta A *Karl Riedel*

Eu tenho nada mais nada menos do que cinco, digo cinco testemunhas a meu favor, nada mais nada menos do que cinco, digo cinco, sentidos ao meu lado. Que podes exigir mais? Fica bem!⁵ (Feuerbach)

A referência metafórica a uma espécie de júri aparece em pelo menos duas obras de Feuerbach, na carta *A Karl Riedel* e n' *A Essência do Cristianismo*. Não deixa de soar estranha. Diante de tal tribunal é comum encerrar a perspectiva filosófica de Feuerbach nos limites de uma mera reação ao Idealismo Alemão (em especial, Hegel) e ao Cristianismo. Essa compreensão, notadamente assumida pela tradição filosófica até nossos dias, rouba-lhe a autonomia de seu pensamento, imprimindo-lhe de antemão características taxativas, resultado de uma leitura ligeira e superficial. O esboço de Karl Riedel pode ser considerado como uma espécie de símbolo de tal atitude reducionista. Logo no início da carta pública *A Karl Riedel*: para a retificação do seu esboço⁶, Feuerbach apresenta um trecho do esboço de Riedel, que consiste precisamente na opinião de que suposta área Feuerbach deveria realmente se dedicar. Para Riedel, Feuerbach deveria abandonar de vez as “compilações eruditas”. Leia-se aqui também: a Filosofia. Riedel insiste que Feuerbach brilharia em áreas mais próximas da vida.

Entre outras coisas, afirma: “Seria altamente recomendável que Feuerbach se dedicasse muito em breve a uma *atividade definida*. Em áreas mais próximas da vida e da arte o seu talento *havia de brilhar*, podendo deixar para outros as *compilações eruditas* que mereceram um fraco reconhecimento por parte dos contemporâneos”⁷.

A reação de Feuerbach principia com um irônico “é possível”. Em seguida, ele prossegue no processo de correção do esboço de Riedel lançando mão de várias metáforas e perguntas, que podemos resumir basicamente nas duas primeiras perguntas, nas quais os argumentos estão mais bem delineados: “Mas como, se o interessado não quiser brilhar agora? Ou se não quiser brilhar nunca?”⁸ Se atentarmos para a história da filosofia, podemos notar que essas perguntas não deixam de soar, no mínimo, premonitórias. É evidente que o brilho de Feuerbach foi ofuscado por dois grandes filósofos, a saber, Hegel e Marx. Para

⁵ “Ich habe nicht weniger als fünf, sage fünf Zeugen für mich, nicht weniger als fünf, sage fünf Sinne auf meiner Seite. Was kannst Du mehr verlangen? Gehab Dich wohl!”

⁶ FEUERBACH, L. *A Karl Riedel*. Para a retificação de seu esboço. Trad. port. Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005, p. 33.

⁷ FEUERBACH, L. *A Karl Riedel*. Para a retificação de seu esboço, p. 33.

⁸ FEUERBACH, L. *A Karl Riedel*. Para a retificação de seu esboço, p. 33.

quem inicia agora os estudos sobre o pensamento de Feuerbach é interessante saber de antemão que, em breve, será convocado a tratar dessa inevitável relação. Mais do que isso, será incumbido da tarefa, não só de restituir a Feuerbach seu lugar na história da filosofia, mas perscrutar se ele é merecedor ou não.

Para Riedel, Feuerbach não tem esse lugar disponível, tampouco deve ser levado a sério, visto que os seus contemporâneos não o reconheceram enquanto merecedor. Como afirmamos anteriormente, não é de nosso interesse encerrar a questão em liames biográficos, e é interessante observar que o próprio Feuerbach conduz a correção do esboço para outro nível de exposição, não sem antes advertir Riedel: “Não avalies ninguém pelos outros! O que para um é veneno, é para outro um bálsamo”⁹. Apoiando-se na exposição de alguns de seus trabalhos que Riedel sintetiza no epíteto de “compilações eruditas”, Feuerbach evidencia um dos traços centrais de seu pensamento no tocante à sua relação com a tradição filosófica. Mencionando como exemplo as obras em que expõe e critica o pensamento de Malebranche, Descartes, Espinosa e Leibniz, Feuerbach insiste que “o momento essencial não é a exposição, mas o *desenvolvimento* do ponto central das filosofias expostas”¹⁰.

Se Riedel compreende as “compilações eruditas” de Feuerbach como mera exegese, como mero “interpretacionismo”, Feuerbach retruca afirmando o caráter propriamente filosófico de seu procedimento no tocante à tradição filosófica. Para Feuerbach, a exigência do filósofo em confrontar-se com a tradição é essencial. A importância que esse aspecto sincrônico exerce em Feuerbach é fundamental para compreendermos as grandes linhas de seu pensamento, e, não obstante, não deixa soar uma exigência razoável (e, por que não, louvável?).

A hermenêutica feuerbachiana: as três vias de interpretação

Afirma Feuerbach: “A interpretação não é senão o desvendamento do enigma do verdadeiro sentido de uma filosofia”¹¹. Com essa afirmação, Feuerbach transpõe a problemática hermenêutica para outro nível de argumentação. Obviamente não se trata de repetir o que já foi dito. Qual é o significado mais essencial da hermenêutica feuerbachiana? A resposta está no trecho a seguir da carta *A Karl Riedel*:

⁹ FEUERBACH, L. *A Karl Riedel*. Para a retificação de seu esboço, p. 34.

¹⁰ FEUERBACH, L. *A Karl Riedel*. Para a retificação de seu esboço, p. 35.

¹¹ FEUERBACH, L. *A Karl Riedel*. Para a retificação de seu esboço, p. 35.

Cada filosofia do passado é para uma época posterior um paradoxo, uma anomalia, uma contradição com a sua razão. A interpretação tem a tarefa de resolver esta contradição, de eliminar este paradoxo, de nos mostrar o pensamento alheio como um possível, pelo menos sob certas condições, pensamento próprio de nós¹².

Com base no trecho supramencionado, podemos observar que, para Feuerbach, a interpretação possui três características essenciais, que intitulamos de três vias de interpretação: 1ª) interpretar é articular os conceitos de uma determinada filosofia de modo a revelar-lhes aspectos obscuros, contraditórios e insuficientemente fundamentados. 2ª) Interpretar é re-articular tais conceitos resolvendo-lhes as respectivas insuficiências, contradições e obscuridades. 3ª) Interpretar conceitos é imprimir-lhes um caráter novo e transfigurado.

Se levarmos em consideração as duas últimas características descritas acima, podemos afirmar que, para Feuerbach, *interpretar é traduzir* um determinado sistema de significação (p. ex., um sistema filosófico) e procurar transpor o sentido oculto das imagens e dos afetos numa linguagem significativa e inteligível (universal?) Mas isso não tem um pressuposto? Ou melhor, pelo menos três? 1º) Que existe tal método interpretativo; 2º) Que ele é válido universalmente; 3º) Que ele é possível. Mas como *isso* é possível, visto que no pensamento feuerbachiano sempre uma explicação lógica e contínua é descartada e, de igual modo, Feuerbach insiste na impossibilidade de um conhecimento direto do objeto?

Ora, mas, nesse contexto específico, o que é conhecimento para Feuerbach? De acordo com Adriana V. Serrão, conhecimento “é frequentemente descrito pelo filósofo como uma articulação entre *sentido* e *texto*”¹³. Conhecer é decifrar e “ler o livro do mundo”. Decifração (*Entzifferung*), desvendamento ou desocultação (*Enthüllung*), resolução do enigma (*Enträtselung*): Não é incoerente afirmar que todos esses termos são sinônimos e equivalentes, no léxico feuerbachiano, ao de interpretação, ou seja, relacionam-se diretamente com o problema metodológico do acesso à verdade e à reflexão fundamental acerca dos critérios orientadores do trabalho em história da filosofia, bem como na própria análise crítica da religião¹⁴.

Eis a resposta para os pressupostos acima descritos: O fundamento da possibilidade de interpretar encontra-se, em última instância, *na pressuposição de uma razão universal*,

¹² FEUERBACH, L. *A Karl Riedel*. Para a retificação de seu esboço, p. 35.

¹³ SERRÃO, Adriana Veríssimo. *Hermenêutica na historiografia: Feuerbach e o problema da interpretação*, p. 68.

¹⁴ SERRÃO, Adriana Veríssimo. *Hermenêutica na historiografia: Feuerbach e o problema da interpretação*, p. 68.

comum a todos os sujeitos pensantes. Todavia, essa unidade fundadora não seria por si só suficiente para resolver a diferença, para ultrapassar a distância, e mesmo a estranheza, que separa sempre dois pensadores. A compreensão estabelece-se somente no plano do pensar-com (*Mit-denken*), na acepção etimológica do *cum-mentare*: pensar o pensar de um outro e com um outro, e, ao pensá-lo, absorvê-lo em si, tornando-o seu. Interpretar é traduzir. **Interpretar é transcriar**¹⁵.

Transcrição

Interpretar é apropriar-se: é transcrição. Tal termo, oriundo da literatura, não é utilizado por Feuerbach, mas seu significado básico se coaduna com os três aspectos fundamentais da hermenêutica feuerbachiana. Pode-se intitulá-lo também de tradução criativa ou mesmo de recriação (Ezra Pound). Haroldo de Campos afirma que a tradução de textos criativos

será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma porém recíproca [...] A tradução de poesia (ou prosa que a ela equivalha em problematicidade) é antes de tudo uma vivência interior do mundo e da técnica do traduzido. Como que se desmonta e se remonta a máquina da criação, aquela fragílima beleza aparentemente intangível que nos oferece o produto acabado numa língua estranha. E que, no entanto, se revela suscetível de uma vivissecação implacável, que lhe revolve as entranhas, para trazê-la novamente à luz num corpo lingüístico diverso¹⁶.

¹⁵ De acordo com Flávio Carneiro, “segundo a trilha de Ezra Pound, que chamava suas traduções de “recriações”, Haroldo de Campos chama de “tradução criativa” ou “transcrição” o ato de traduzir poemas. Para ele, a tradução de poesia consiste, num primeiro momento, no gesto de leitura que compreende não apenas a decodificação pura e simples do vocábulo mas o mapeamento do contexto, lingüístico e histórico, em que está inserido, ou seja: o espaço que cada palavra do original ocupa na história da língua/cultura de origem, na sua literatura e no conjunto da obra do autor. O segundo momento seria, por parte do tradutor, mais um trabalho de poeta que propriamente de estudioso de línguas e literaturas. Aqui, ele deve transcriar o vocábulo, encontrando seu paralelo, nem sempre óbvio, na cultura lingüística escolhida pelo tradutor-poeta”. CARNEIRO, F. Por uma estética da leitura: anotações sobre um filme inacabado. CD-ROM do *I Simpósio Internacional Transdisciplinar de Leitura*, organizado por: PUC-Rio / SESC / Leia Brasil-PETROBRÁS. Realizado no Rio de Janeiro, no ano de 2000. In: <http://www.flaviocarneiro.com.br/obra/porumaesteticadeleitura.html>. Acessado em 20 de julho de 2013.

¹⁶ CAMPOS, Haroldo. "Da tradução como criação e como crítica". In: *Metalinguagem e outras metas*. 4ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1992, pp. 35-43.

Seja em relação à tradição filosófica ou em relação à religiosa, Feuerbach procede por meio de transcrição. Eis o significado básico das três vias de interpretação de Feuerbach: Existem pensamentos que divergem (o antigo e o novo). O novo identifica obscuridades e contradições no antigo (o novo é um intérprete e se transforma, por sua vez, num apresentador) (*Darsteller*) (Tal apresentação tem um caráter eminentemente didático, de clarificar conceitos; e clarificar pressupõe que existe uma linguagem própria para tanto) - o novo, reconhecendo a verdade inerente a cada doutrina, resolve tais obscuridades e contradições, absorve o antigo e cria o *novo*. Transcria.

Essas características hermenêuticas, que revelam precisamente o modo pelo qual Feuerbach procede nas obras *História da Filosofia moderna*, *Leibniz* e *Pierre Bayle*, não pretendem ter como meta um discurso meramente auto-referencial. Afirma Feuerbach: “Nunca perdi de vista – nem mais íngremes alturas da Filosofia nem nos mais remotos vales da história – a *referência à vida*, a *tendência prática*”¹⁷. Poder-se-ia questionar se esse duplo aspecto reivindicado por Feuerbach não seria, por sua vez, tão formal e unilateral quanto o discurso formal e auto-referente que ele pretende se contrapor. É interessante observar que, Feuerbach, precavendo-se contra essa atitude, afirma que, por um lado, ela tem como pressuposto uma evidente oposição ao que ele intitula de “pedantismo erudito” (o que Riedel identifica como mera exegese ou interpretacionismo), e, por outro, implica precisamente duas consequências graves: 1) “A aniquilação do momento mais nobre da atividade científica, o cuidado da ciência *por ela mesma*”¹⁸, ou seja, anula o caráter especulativo, recusando de antemão a especulação e encerrando-se num empirismo ingênuo. 2) Desemboca num “utilitarismo vulgar e desprezível”¹⁹.

Nem o pedantismo erudito, incapaz de estabelecer uma relação com a vida, nem a referência à vida sem o apelo da ciência: a razão continua exercendo a sua função; o que ocorre, de fato, é uma inversão de pólos. E tal inversão é permeada por uma série de consequências no tocante à própria atividade filosófica, bem como a relação da Filosofia com as demais ciências, a arte e religião. Para Feuerbach, a recusa dessas duas atitudes unilaterais exige um método que possibilite uma reunião de vida e ciência, sem negar-lhes as características mais essenciais ou dissolver-lhes numa unidade unilateral e que não leva em consideração o caráter de auto-fundamentação de sua própria posição.

¹⁷ FEUERBACH, L. A *Karl Riedel*. Para a retificação de seu esboço, p. 36.

¹⁸ FEUERBACH, L. A *Karl Riedel*. Para a retificação de seu esboço, p. 37.

¹⁹ FEUERBACH, L. A *Karl Riedel*. Para a retificação de seu esboço, p. 37.

Amor e Humor

Numa palavra, trata-se de uma questão de método. Qual é, afinal, o método de Feuerbach? Essa é uma questão central e não temos a pretensão de esgotá-la apenas na exposição da carta em análise. A importância dessa carta consiste em que, nela, Feuerbach apresenta, pela primeira vez, de maneira clara, o seu método, ainda que em estado germinal. Embora inconsistente e lançando mão de um nível de justificação praticamente nulo, as intuições nela apresentadas são imprescindíveis para a compreensão de obras como *A Essência do Cristianismo* e *A Essência da Religião*, por exemplo. Essas duas obras evidenciam uma ruptura epistemológica em Feuerbach. Podemos observar que essa tensão está presente na carta em questão. Afirma Feuerbach:

A tendência prática (no mais elevado sentido) da minha atividade como escritor manifesta-se aliás já no seu método. [10] Este método consiste em ligar constantemente o elevado com o aparentemente comum, o *mais longínquo* com o *mais próximo*, o abstrato com o concreto, o *especulativo* com o *empírico*, a Filosofia com a vida; consiste em apresentar o universal *no particular*, afundado no elemento da sensibilidade²⁰.

À primeira vista, pode-se ceder à impressão de que o método feuerbachiano é de uma insuficiência e ingenuidade absurdas. Isso ocorre se não levarmos em consideração que a insistência na sensibilidade (*Sinnlichkeit*) é uma temática assídua no pensamento de Feuerbach e o modo pelo qual ele compreende o compatibilismo entres os pares antinômicos supracitados tem um pressuposto fundamental. Trata-se de polemizar “contra *aquela* doutrina que na natureza ou no ser sensível *apenas* avista o ser-outro ou o ser-fora-de-si do espírito”²¹. Todavia, polemizar também não é compreendido como um método sério. O que está pressuposto nessa passagem?

Contra Fichte e Hegel, que compatibilizam a sensibilidade na sua relação com o Eu (Fichte) e o Espírito (Hegel) apenas do ponto de vista do Eu e do Espírito, isto é, anulando a sensibilidade em seu aspecto autônomo e, por conseguinte, destituindo-lhe de sua base material, Feuerbach afirma outra possibilidade de elo que não resulta na mesma unilateralidade de Fichte e Hegel. “O *terminus medius*, entre o superior e o inferior, o abstrato

²⁰ FEUERBACH, L. *A Karl Riedel*. Para a retificação de seu esboço, p. 37.

²¹ FEUERBACH, L. *A Karl Riedel*. Para a retificação de seu esboço, p. 37.

e o concreto, o universal e o particular é, do ponto de vista prático, o *amor*, do ponto de vista teórico, o *humor*. O amor liga o espírito com o homem, o humor a *ciência* com a *vida*”²². Opondo-se à concepção romântica que compreende o amor como força obscura e irracional na qual se misturam pulsões contrastantes, o amor, na leitura de Feuerbach, tem um significado específico. À pergunta clássica “o que é o amor”, Feuerbach responde: o amor é o vínculo capaz de fazer interagir realidades distintas como corpo e espírito, na forma da existência humana, assim como aparência e verdade, no caso da busca da sabedoria.

Amor e humor (assim como ironia e fantasia) são vínculos. São condições de possibilidade para a existência concreta humana e para a própria ciência. Amor e humor convergem no elemento da sensibilidade (*Sinnlichkeit*), que é, por sua vez, desse modo, o viés que dá fundamento e mobilidade à ação objetiva, estabelecendo a unidade entre atividade teórica e prática. A *Sinnlichkeit* abrange, não apenas a sensorialidade, mas, também, a sensibilidade referente ao princípio do sensualismo feuerbachiano que abarca a totalidade humana, isto é, o amor. Todavia, vale salientar que tal método está em ainda em germe na carta *A Karl Riedel*, mas tal hermenêutica corresponde tanto a *reforma* da Filosofia, bem como a encarnação da *nova filosofia* proposta por Feuerbach tanto na obra *Necessidade de uma Reforma da Filosofia* quanto na obra *Princípios da Filosofia do Futuro*.

²² FEUERBACH, L. *A Karl Riedel*. Para a retificação de seu esboço, p. 38.

Referências Bibliográficas:

CAMPOS, Haroldo. "Da *tradução como criação e como crítica*". In: *Metalinguagem e outras metas*. 4ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1992

CARNEIRO, F. *Por uma estética da leitura: anotações sobre um filme inacabado*. CD-ROM do I Simpósio Internacional Transdisciplinar de Leitura, organizado por: PUC-Rio / SESC / Leia Brasil-PETROBRÁS. Realizado no Rio de Janeiro, no ano de 2000. In: <http://www.flavio Carneiro.com.br/obra/porumaesteticadeleitura.html>. Acessado em 13 de janeiro de 2015.

FEUERBACH, L. *A Essência do Cristianismo*. Trad. br. José da Silva Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. A Karl Riedel. *Para a retificação de seu esboço*. Trad. port. Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005.

SERRÃO, A. V. *Hermenêutica na historiografia: Feuerbach e o problema da interpretação*. In: **Philosophica** 5, Lisboa, 1995.

WARTOFSKY, M. W. *Feuerbach*. New York: Press University of Cambridge, 1982.